

BORON, Atilio A. **Bitácora de un navegante:**

teoría política y dialéctica de la historia latinoamericana – antología esencial. Buenos Aires: CLACSO, 2020. 724 p.

Joana das Flores Duarte\*

*Bitácora de un navegante: teoría política y dialéctica de la historia latinoamericana* é o título da ontologia essencial publicada pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Trata-se de um livro que reúne cinquenta anos de trabalho e investigação teórica do politólogo e sociólogo argentino Atilio Alberto Boron. Doutor em Ciência Política pela Universidade de Harvard, atualmente é diretor do Centro de Complementação Curricular da Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade Nacional de Avellaneda. É também professor consultor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires, investigador do Instituto de Estudos da América Latina e do Caribe (IEALC) e investigador superior do CONICET (Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas). Foi vice-reitor da Universidade de Buenos Aires (1990-1994) e Secretário Executivo do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) entre 1997 e 2006.

A seleção dos dezoito artigos escritos originalmente em mais de trinta livros, revistas e periódicos para compor essa obra foi minuciosa, buscando mostrar o amadurecimento teórico e crítico dentro e fora do universo acadêmico de um dos maiores intelectuais latino-americanos da contemporaneidade.

Dividida em três partes, a ontologia proporciona um encontro com Boron em seus distintos tempos. Na primeira delas, intitulada “*Estado, mercado e imperialismo*”, temos textos raros e de difícil acesso, como “*Clases populares y política de cambio en América Latina*”, escrito pelo jovem Boron, em 1969. Neste texto, fica evidente seu incômodo com os conceitos e as categorias conservadoras e limitadoras da sociologia e da ciência política norte-americana e ao mesmo tempo, sua busca e inquietação por um aparato crítico, teórico e metodológico alternativo. É também, nessa primeira parte, que *Mi camino hacia Marx - Breve ensayo de autobiografía político-intelectual*, texto autobiográfico de Boron, remonta suas raízes de origem italiana e a imigração da família para a Argentina. Resgata a importância da sua socialização primária que, segundo o autor, formou-o politicamente, pois nasceu em pleno vigor do peronismo. Já na juventude, explica que a vida acadêmica e o clima intelectual dos anos de 1960 foram marcos importantes, porém com as contradições, tendo em vista que foi essa uma década com profundas frustrações ocasionadas pelo governo de Frondizi. Desses conflitos, a interrupção de sua formação com o golpe de Estado, em 1966. Nesse momento, Boron inaugura um longo período de exílio, passando pelo Chile, EUA e México.

Já na segunda parte, intitulada “*Teoría social y praxis política*”, a ontologia resgata trabalhos sobre autores importantes da teoria social crítica, tais como Rosa Luxemburgo, Marx, Engels, Lênin entre outros. Nesta ontologia, é possível debruçarmo-nos em

\* Doutora pela PUCRS. Professora do curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Integrante do Grupo de Trabalho: Feminismos, resistências e emancipação, do CLACSO.

tempos distintos sobre a vida e a obra de Atilio Alberto Boron. Notórias são as marcações relativas às transformações das décadas de 1960 e 1970 analisadas por ele, que, sob forte influência marxista e as repercussões do exílio, tornaram esse sociólogo um intelectual público.

E, por fim, a terceira parte, “*Revolución en nuestra América*”, brinda-nos com dois textos que versam sobre a importância política e revolucionária de Fidel Castro e Hugo Chávez. Boron mostra-nos que não estamos diante de uma “herança” ou um “legado”, mas de uma permanente e necessária transição revolucionária em Nossa América, defendida e radicalizada por esses dois grandes líderes. Dentre as posições, aquela que destaca Boron como um dos maiores intelectuais da esquerda latino-americana é, justamente, sua inseparabilidade da perspectiva socialista democrática.

Nessa ontologia, portanto, apreende-se que o autor não só faz o resgate dos escritos numa estrutura meramente cronológica, mas os temporaliza, ao mediá-los em seus respectivos tempos e processos sócio-históricos. Com isso, Boron publiciza a atualidade do seu pensamento em meio século, revisa algumas considerações, bem como aponta, instiga e analisa as transformações ocorridas nesse período, na América Latina e no mundo. Parece-nos, nesse sentido, que Boron, ao navegar contra a corrente, tem em sua bússola o horizonte de uma sociedade radicalmente diferente. Afirmção essa que se faz partindo do seu texto “Hegemonía e imperialismo en el sistema internacional”, originalmente em outubro de 2003, em Havana (Cuba), na XXI Assembleia Geral do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Boron evidencia, nesse texto, a natureza predatória do capitalismo e os impactos dessa política para a humanidade. Cabe, portanto, ao conjunto das forças progressistas e compromissadas com a transformação social, em especial, nas economias periféricas e dependentes, o exame preciso dos problemas desencadeados pela nova hegemonia mundial. Ao mesmo tempo, quais alternativas de mudanças partiriam dos movimentos sociais, por serem esses capazes de romper com as estruturas anacrônicas de poder impostas pelo neoliberalismo.

Nota-se nesse precioso texto o chamado à responsabilização das massas, considerando que não há possibilidade de mudar radicalmente um sistema sem uma indignação/revolta generalizada e consciente. Por isso, para Boron, não seria essa uma ação promovida exclusivamente pelos meios acadêmicos, mas vinculados aos movimentos de base, às demandas e às necessidades concretas das massas.

Orientado pelo socialismo democrático, essa ontologia traz a experiência do exílio e a formação política e intelectual do autor. Essa formação dá corporeidade a um Boron mais “amadurecido”, implicado às lutas sociais e aos movimentos de base da esquerda latino-americana. Em seu texto autobiográfico mencionado anteriormente, Boron destaca a etapa mexicana, período esse que, segundo ele, estava profundamente marcado pela forte orientação do Terceiro Mundo, impressa pelo então presidente Luis Echeverría Álvarez, pela solidariedade às vítimas, pela resistência às ditaduras e pelo entusiasmado apoio aos sandinistas, que culminaria com uma grande vitória em 1979. É nesse artigo também que Boron revisita e examina alguns dos seus escritos, apontando que, naquele contexto, não foi difícil ingressar plenamente nos debates precipitados pela conjuntura. Cita um polêmico artigo em que criticava aqueles que utilizaram, erroneamente, a partir de sua análise, o conceito de fascismo para

caracterizar as sangrentas ditaduras da região. Isso porque, segundo o autor, esses grupos ditatoriais não tinham intenção nem capacidade de mobilizar e ativar os setores médios para transformá-los em redutos de seus regimes. Somando-se a isso, a falta de condições concretas para estruturar um projeto que alterasse substancialmente as “burguesias nacionais” para uma nova etapa de internacionalização do capitalismo e predomínio das grandes transnacionais. Ainda, segundo Boron, nas ditaduras do Cone Sul, Antonio Gramsci, por exemplo, não teria sobrevivido sob o regime de Videla ou Pinochet. Para o autor, essas ditaduras foram piores que o fascismo. A comparação não é propícia, principalmente porque reproduz de forma mecânica – e nada dialética – uma caracterização sem mediação com o período entreguerras, o desenvolvimento do capitalismo global e suas expressões nos países periféricos e dependentes.

Foi dessa experiência, somada aos estudos nos EUA, que acresceu ao autor a possibilidade de sustentar em debates acadêmicos e fora deles, mais especificamente nos anos de 1980, suas críticas à “transição pós-franquista”. São nessas obras que notamos o distanciamento de Boron do denominado pensamento hegemônico e das relações estritamente acadêmicas. Da afirmação feita a partir do seu texto “De académicos, intelectuales y mercenários”, em que lança uma arguta crítica à herança da colonialidade do poder científico construído por ela, nas palavras do autor:

[...] el nuestro es el continente que ha padecido la más prolongada y profunda experiencia de sometimiento colonial del planeta, fundada sobre un genocidio – que según cálculos conservadores habría aniquilado a unas sesenta millones de almas – y cuyos efectos se sienten hasta el día de hoy. (BORON, 2020, p. 630).

A obra mostra como Atilio Boron buscou, mesmo na condição de professor, investigador e docente, escrever e desenvolver suas teses para o grande público, ou seja, para a classe trabalhadora, no curso de sua vida profissional. Isso é notável nos seus escritos que, sem perder de vista a erudição, apresentam textos fluídos e acessíveis, como toda obra de domínio público deve ser. Ao negar o academismo como espaço único de formação e conhecimento, Boron ensina-nos que a luta se faz e se constitui junto às bases. E, nesse sentido, não há espaço para uma ideia saudosista do passado, porque o outrora é elemento central e vivo do próprio presente. Assim tem sido Atilio Alberto Boron em mais de meio século de vida, luta e produção intelectual: um homem dedicado ao pensamento e à luta revolucionária!